



travessia e sopra





travessia e sopra

bruno ribeiro

TRAJES
L NARES





COPYRIGHT © 2020 BY BRUNO RIBEIRO

EDITORES RESPONSÁVEIS

Luiz Farias

Nando Magalhães

Nilton Resende

CAPA

Nilton Resende e Ulysses Ribas

IMAGEM

Os dizeres, de Amanda Mafra de Escobar, 2020, acrílica sobre tela, 60 x 50 cm.

DIAGRAMAÇÃO

Ulysses Ribas

REVISÃO

Nilton Resende

Catálogo na fonte

Departamento de Tratamento Técnico da Trajes Lunares Editora

R484t

Ribeiro, Bruno.

Travessia e sopro / Bruno Ribeiro. – Macció : Trajes Lunares Editora, 2020.
80 p.

ISBN: 978-65-87894-01-0.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. 3. Literatura alagoana.
I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Elaborada por Fernanda Lins de Lima – CRB – 4/1717

[2020]

1ª EDIÇÃO

TRAJES LUNARES

WWW.TRAJESEDITORA.COM.BR

TRAJESEDITORA@GMAIL.COM.BR

ALAGOAS/BRASIL





À minha família, mãe, pais e irmã.
Aos amigos e amigas.
A Nilton Resende, amigo e editor deste livro.

À Erinha Ribeiro, o livro e tudo.

À vida!





Vou pelos atalhos te sentindo à frente

Hilda Hilst

O vento estica ainda mais a corda diante das pontes

Ingeborg Bachmann

E o porto de toda viagem que é o homem é o Adiante

Milton Rosendo





Aqui, neste corpo, as línguas
da espera desenhando a carne,
moldando com água os contornos

as línguas traçando a carne,
cuja pronúncia antecipa
o sopro

enquanto arde à língua
a imaculada palavra
de corpo e memória...
(as vozes inauditas)

aqui, de ausências de nome
e ânsia plena
sobrevivem, sobre escarpas,
o oco e o eco...

o eco circundado de pausas,
revestido de linguagem
e saliva.
no quando os apuros revisam
o instante.

ou quando no furor das águas
resistirá o corpo. entre escumas
e querelas
nos vagos da memória
delirante





Então é página virada

porém, em meio à turbulência,
estacionamos o noturno voo das mariposas
no oco de nossas parcas palavras;
cegamos a manada
para que nos desenhasse o caminho
da fome;
ouvimos sem fé a queda d'água
e com sede ficamos. e em silêncio
ficamos.

esperança é osso roído, fuligem
uma réstia, vento e pó.
a imaginação não tem maiores asas

e o que resta é
página virada
onde um dia escrevemos Palavra
e o mais veio à tona:
Água. Dança. Cobra. Fogo.
Vinho. Pão.
Aresta. Luz. Vitrine.
Pedra.
Arrastão.

mas se antes houvesse tempo
teríamos nos agarrado à palavra nascente
e então uma réstia nos apontaria o sol
e nos daria (uma outra vez) a força do brilho
entre as águas que agora começam a cair
lá fora





*Um dia teremos a **paciência** dos monges*

ou talvez não consigamos
nunca
vencer as águas que nos tomam os remos
e que vencem as pontes
que despontam no horizonte

ou
dos desertos, as nuvens
que nos cegam

monto as peças
à revelia do que vejo

há poeira entre os dedos

a vida me passeia
como corpo nu
ao relento



De peito aberto, o poema.

o peito nu.

as nuances do sol
no corpo, torneando as sombras,
atijando as palavras remotas
ao estrondo dos choques.
(o poema atravessado de
indagações)
dança agora neste corpo
um deus. a barba carregada
de nuvens.

há instantes de passageiras chuvas,
ainda que o sol nos pinte
a pele menos febril.

diante de chuvas repentinas
o peito nu descobre ilhas
e reconforto de palavras.

retorna o sol.

ao sol as palavras,
depois de banhadas
e retorcidas



Amanhece.

e no peito ainda acena
a febre.
rememoro a fome,
e o nome some no sumidouro
do sonho

em volta, olho e desconheço
desconheço os cômodos, os modos,
os tons do amanhecer por debaixo
das portas
desconheço as horas
e seus pretextos

exaspero as engrenagens
e espero as sombras da vertigem
se dissiparem.
espero sem abreviaturas de tempo.
espero e te vejo
ali, deitada
onde também deitei em desassossego

onde aos pulos levantei — o medo.
o medo avizinhando
o peito convulso acenando à casa vazia
secreta de quinas, teias,
uivos.
poesia

a casa é **de esperas**

de trancas em ferrugem,





BRUNO RIBEIRO

espera o vazio vestir-se inteiro
e inteiro não mais ter nome ou vela
ou,
de viradas páginas,
espera a inaugurada palavra,
a que se esconde sem nome
no oco da casa,
como as chaves sob o tapete,
ou o lodo nas calhas





No lobo do poema, uns ensaios.

o sangue por labirintos.

a academia dos corpos cilíndricos

e talheres afiados

pratos e brancas toalhas

receitas ao tempo cru

cama mesa e banho

alvejados panos

e o cotidiano

estendidos ao vento azul

assim também os poemas, aos secos e molhados

assim também os dias,

nos amontoados

de poeira e ventania

o descanso entre um poema e outro

o amor — me parece — está nesse intervalo

nos dias, quando a poeira assenta o corpo...

no silêncio dos versos **antes do canto**





No canto da boca,
a manhã se derrama
em farelos de biscoito
e leite.
nos lábios, a nata do leite
e o deleite do seio
sob os fios da barba

o suco escorrendo
por entre as pernas
— **o desejo nascente.**
as mãos buscando o escondido
fruto
tateiam o caminho das linhas
sob o tecido.

cega, a serpente
lateja avolumando-se ao toque

lânguidos estalos,
mordidas, cascas despidas
e o fruto em sins
semeando gozo.

rompante.
sendo inteiro alimento e jorro,
o sangue unguindo
os corpos — nus —
múltiplos em suas fomes.